

## FOLCLORE MÁGICO

“Em todas as épocas o homem sempre acreditou no sobrenatural, sempre atribuiu a forças ocultas os fatos que fugiam ao seu conhecimento científico. Consequentemente teve medo e procurou conhecer e dominar estas forças.” (Paula Simon Ribeiro, professora e escritora especialista em Folclore Gaúcho)

O folclore mágico é composto por crenças no sobrenatural, como as superstições, benzeduras e rezas fortes, simpatias, promessas, entre outros. Tão antigas quanto o próprio homem, essas crenças permanecem vivas no cotidiano do homem moderno, afinal, tem coisas que a lógica não explica. Entra então a fé como protagonista, uma vez que as crendices e superstições geralmente estão vinculadas a alguma religião.

Popularmente, crendice e superstição são a mesma coisa. Cientificamente, no entanto, as ambas se referem a crenças ilógicas, no entanto, a superstição envolve temor.

Em artigo para a revista de Estudos Ibero-Americanos, de 1996, Paula Simon Ribeiro apresentou o esquema de crenças de Getúlio César: CRENDICE, SUPERSTIÇÃO, AMULETO, DEVOCIONISMO e MAGIA, e ainda subdividiu tal esquema para melhor entendimento:

1. Superstição: os “não presta”, as simpatias e os presságios.

2. Amuleto: objeto que imunizam o portador de qualquer malefício.

Amuleto religioso: relíquia, bentinho, medalha, escapulário e fitas.

Amuleto profano: patuá, talismã, guias de santo, figa, trevo e pata de coelho.

3. Devocionismo: crença dirigida a objetivo específico. Exemplo: pedidos, promessas, oferendas, ex-votos e cruz de estrada.

Segundo o esquema de Getúlio César, o folclore mágico consiste em:

- Superstições: crenças que geram temor.

Exemplo: Roupa pelo avesso atrasa a vida. Coruja piando próximo à casa, sinal de desgraça. Gato preto dá azar.

- Crendices e atos intencionais: crenças ilógicas sem temor e atitudes para ajudar a sorte. Exemplo: Castigar Santo Antônio para conseguir noivo. Comer frutas com grãos na noite de Ano Novo para não faltar dinheiro.

- Augúrios, predições, presságios: maneiras de adivinhas o que está para acontecer. Exemplo: ler a mão, cortar cartas, jogar búzios, premonições e outros.

- Amuleto: são a materialização da superstição, objetos que após preparação ritualística, adquirem o poder de proteger quem o possui dos malefícios. Os amuletos passivos servem para conjurar males, e os talismãs para trazer sorte.

- Devocionismo: refere-se à crenças ou devoções exageradas a santos canonizados pela Igreja ou pelo povo. Como exemplo, podemos citar os pedidos e pro-



messas que são troca de favores entre o devoto e o santo de sua devoção. Outro exemplo são as carta-corrente, que ameaçam quem causar interrupção, e garantem bonança a quem der continuidade. Hoje, se vê muito dessas correntes em redes sociais e aplicativos de troca de mensagens. Outro exemplo são os benditos, orações cantadas em louvor aos santos, em especial à Virgem Maria ou ao Santíssimo Sacramento.

- Magia: para atingir objetivos, faz uso de forças ocultas. Divide-se em magia branca - benigna, e magia negra - regida pelo diabo. Benzedura pode ser considerada uma magia, porém de caráter religioso. Segundo a crença popular, alguns tipos de doença só podem ser curados com benzedura, que é o caso do quebranto, mau olho e cobreiro.

### TU SABIAS?

*Uma das mais conhecidas e difundidas superstições que se conhece é relacionada com o número treze, que é considerado fatídico. A origem desta crença vem do início do cristianismo, quando Jesus Cristo sentou-se à mesa com os doze apóstolos (totalizando treze pessoas) e anunciou que um deles o trairia. Judas, o traidor, foi o primeiro a retirar-se e matou-se antes da morte de Jesus Cristo. Diz a tradição popular que um dos participantes de uma mesa de treze pessoas morrerá logo, o mais propenso é o que sair primeiro.*

*Entretanto, antes mesmo do nascimento de Cristo já havia o medo do dia treze e em Roma nenhum decreto era formalizado neste dia. Hesíodo, 700 anos a.C. já aconselhava que não se plantasse no décimo terceiro dia do mês.*

FONTE:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/28781/16001>

Breve biografia:

Paula Simon Ribeiro é folclorista, jornalista, autora de diversos trabalhos na área do folclore e adivinhações populares, além de artigos para revistas e jornais. Pesquisadora do extinto IGTF. Porto-alegrense, é formada em Artes Plásticas, com pós-graduação em Folclore e História da Arte. Integra as Comissões Nacional e Gaúcha de Folclore, conselheira dos Conselhos Nacional e Estadual de Cultura.





# COMISSÃO GAÚCHA DO FOLCLORE



“Botica” era como se chamava “farmácia” antigamente. O boticário ou apotecário foi, por muito tempo, a única opção de medicina para vilas e lugares interioranos, longe dos centros maiores. Nessas regiões sem vizinhos ou vendas próximas, se fez necessário o hábito de guardar medicamentos em casa para a cura dos entes e dos animais amolados.

Muitas vezes a botica se localiza nas despensas, com remédios já prontos para os momentos de necessidade. Um xarope de guaco, uma pomada de babosa, uma aruda no álcool para terminar com os piochos, um pote de mel com sal para colocar nas lesões... Por outras, na terra, nos canteiros e quintais das casas repletos de plantas medicinais.

No galpão, a botica é diferente. Os medicamentos utilizados para as lides geralmente estão sobre uma estante velha, meio improvisada, em cima dos ganchos dos preparos do arreio. Quando não ali, engordam os bocós entre a encilha dos peões. São remédios e instrumentos para a cura dos rebanhos que, atrelados aos ensinamentos

práticos – herança de gerações –, se perpetuam nas lides das menores às maiores criações.

Seguindo o exemplo da medicina científica, a população também se vale de substâncias minerais, animais e vegetais para elaborar medicamentos caseiros. Por vezes, na própria despensa está a matéria prima perfeita para trazer benefícios em caso de acidentes ou enfermidades. Dentre os elementos indispensáveis na botica caseira da despensa, destaco: água, açúcar, álcool, bicarbonato de sódio, cera, cinza, creolina, farinha de mandioca, farinha de trigo, ferro, fumo, graxa, mel, óleo de mocotó, osso, ovo, pó de café, pólvora, querosene, sabão, sal, vinagre e pedras.

É no galpão que geralmente se encontram os remédios utilizados para o tratamento das criações. Seja qual for o bicho – boi, cavalo, ovelha, cachorro, gato, galinha, porco ou mesmo um passarinho de gaiola –, sempre há alguma forma de tratamento que depende daquilo guardado no galpão. Embasei no conhecimento dos mais experientes a seguinte lista sobre as principais coisas que devemos sempre ter em mãos quando o assunto é cuidar da bicharada.

Nos dias das campereadas, alguns desses remédios são levados para o campo, dentro dos bocós ou dos peúelos, e usados nos animais campo fora quando cinchados numa parada de rodeio ou na saída de um capão de mato. No galpão, geralmente encontramos: remédio de lombo, soro fisiológico, vacinas, vermífugos e antibióticos.

No galpão também existem alguns instrumentos (fômites) que utilizamos para as lides de mangueira. A “formiga” (espécie

de alicate utilizado para segurar bovinos), as pistolas de vacinação, o pulverizador, as facas, etc, são exemplos dessas ferramentas.

É nas plantas que encontramos a mais tradicional cura caseira. Esse hábito nos remete a remotos tempos, quando não se tinha outra forma de cura que não aquela dependente das ervas, e que se mostra tão eficaz que perdura até hoje. Segundo estudos, essas curas através das plantas são alcançadas, em suma, quando utilizadas com fé. Fé de quem a recebe e fé de quem a prepara. É o ambiente energético propício para a atuação daqueles princípios químicos que cada planta tem, e que culminam na cura.

No mundo todo a busca pela cura através das plantas está sendo cada vez mais constante. Porém, nesta pesquisa, preferi relatar apenas aquelas plantas que encontramos em solo gaúcho.

Dentre elas, cito: abacateiro (diurético, balsâmico, carminativo e antissifilítico), agrião (descongestionante, antiescorbútico e fortificante), alfazema (carminativo, antisséptico e cicatrizante), cabelo-de-porco (antidiarreico), cana brava (antirreumático), cânfora (cicatrizante, antisséptico e sedativo), cinamomo (antissifilítico), cipó-chumbo (anti-hemorrágico), erva-da-graça (depurativo do sangue), erva-mate (tônico estimulante, sudorífero e digestivo), hortelã-pimenta (vermífugo), malva (anti-inflamatório e estomacal), pata-de-vaca (diurética e vermífuga), sete-sangrias (febrífugo, antigripal e anti-inflamatório), urtiga (calmante e antirreumático), xaxim (expectorante).

## COMISSÃO GAÚCHA DE FOLCLORE 70 ANOS

**Professora Paula Simon Ribeiro**

Não poderíamos falar dos primórdios da Comissão Gaúcha de Folclore sem falar na Comissão Nacional de Folclore, já que a CGF surgiu por iniciativa da primeira e a ela está vinculada.

A Comissão Nacional de Folclore foi criada no Rio de Janeiro com sede no Itamarati, representando uma das Comissões do Instituto Brasileiro da Educação, Ciência e Cultura - IBECC que é a Comissão Brasileira da UNESCO. A iniciativa foi de Renato de Almeida, diplomata, musicólogo, escritor, professor e diretor do Liceu Francês no Rio de Janeiro e sub secretário geral do IBECC.

Juntamente com alguns dos maiores intelectuais da época, como Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Cecília Meireles, Renato de Almeida iniciou os estudos e pesquisas sistemáticos de

Folclore com a “dignidade que ele necessitava” segundo Dante de Laytano. (1) A seguir convocou outros estudiosos como Vila Lobos, Gustavo Barroso e muitos outros para as atividades de estudo, pesquisa e análise de fatos do folclore.

A Comissão Nacional promoveu encontros, seminários, congressos, semanas de folclore e editou livros, folhetos e material de divulgação das atividades no campo do folclore.

A Comissão Nacional de Folclore do Ministério de Relações Exteriores já que como Comissão do IBECC/UNESCO funcionava no Itamarati (e funcionou por muitos anos mesmo depois da inauguração de Brasília com a consequente mudança dos órgãos oficiais para a nova capital), evoluiu para outro órgão,

a Campanha do Folclore Brasileiro e atuava em consonância com a Comissão Nacional e vieram a realizar um trabalho que permanece até os dias atuais.

Simultaneamente estes estudos foram divulgados em todo o país e a Comissão se multiplicou em muitos estados na forma de Comissões estaduais.





# HISTÓRICO DA COMISSÃO GAÚCHA DE FOLCLORE



Podemos dividir o histórico da Comissão Gaúcha de Folclore em dois momentos ou fases: a primeira fase teve início em 23 de abril de 1948, e a segunda fase em 1992.

Em 1948 Comissão Nacional de Folclore voltou-se para a organização de grupos de intelectuais que se dispusessem a assumir e incentivar os estudos de Folclore em cada estado brasileiro, contatou estudiosos e foram sendo criados núcleos estaduais, organizações similares em nível estadual com o objetivo de incentivar os trabalhos de levantamento do folclore brasileiro.

Em sua formação inicial a CGF teve como membros 32 intelectuais de diversas áreas do conhecimento a seguir nominados: Adão Carrazoni, Aldo Obino, Athos Damasceno Ferreira, Darcy Azambuja, Elpídio Ferreira Paes, Ênio Freitas Castro, Érico Verissimo, Ernani de Carvalho Heffner, Fernando Corona, Guilhermino César, J.C. Paixão Côrtes, Henrich Bunse, Lothar Hessel, Luis Carlos Barbosa Lessa, Luis Carlos de Moraes, Manoelito de Ornelas, Moysés Vellinho, Othelo Rosa, Tony Seitz Petzhold, Walter Spalding, Antonio Luz (Gravataí), Biaggio Tarantino (Rio Pardo), Ivo Caggiani (Santana do Livramento), José L. Freitas (Triunfo), Romeu Beltrão (Santa Maria), Celso Fiori (Passo Fundo), Tarcísio Taborda (Bagé), Bruno Mendonça Lima (Pelotas), Mário Moraes (Cruz Alta), Umberto Feliciano de Carvalho (Uruguaiana), Plínio Saraiva (Taquari), e José Augusto Rodrigues (Santo Ângelo).

Durante os 50 anos seguintes, a Comissão Gaúcha de Folclore tendo

à frente o incansável batalhador Dante de Laytano participou de inúmeros Congressos, Seminários, Semanas de Folclore, Cursos e seus membros preferiram conferências, palestras e publicaram mais dezenas de obras resultantes de pesquisas de campo e bibliográficas.

A CGF sempre foi órgão independente, e nunca recebeu verbas oficiais, sempre se manteve pela força de vontade e colaboração de seus membros. Funcionava na residência de seus membros especialmente na de Dante de Laytano.

Na década de 1980 houve um esvaziamento devido a idade avançada do presidente Dante de Laytano que por mais de 40 anos coordenou a Comissão, e de outros membros que por falta de condições físicas foram se afastando.

Tem início a 2ª fase da CGF.

Tendo em vista este fato, a Comissão Nacional de Folclore, representada pelo então Vice-Presidente Prof. Bráulio Nascimento veio a Porto Alegre e em visita ao Prof. Dante, foi ajustado que haveria uma continuidade, agora sendo encarregada da reestruturação a Prof.ª Lilian Argentina Braga Marques, renomada folclorista gaúcha e que esta seria no momento a presidente-executiva para compor grupo de pesquisadores que passariam a integrar a Comissão Gaúcha de Folclore.

Aos 22 dias do mês de setembro de 1992, realizou-se a primeira reunião do novo grupo, composto pelos sócios-fundadores da 2ª fase: Presidente de Honra, o Prof. Dante de Laytano; como Presidente Executiva, Lilian Argentina,

como membros, José Roberto Diniz de Moraes, Harri Rodrigues Bellomo, Oliveira da Silveira, Moema Santos Morales, Cristina Rolim Wolffenbüttel, Paula Simon Ribeiro, Sonia Teresinha Siqueira Campos, Carmem Sousa Sousa, Estelita Aguiar Branco, Jorge Hirt Preiss, Lothar Hessel, Rose Marie Reis Garcia. Posteriormente tornaram-se membros efetivos Getúlio Xavier Osório e Aledir Brestot.

Para prestar homenagem permanente a intelectuais ligados ao folclore a CGF realizou sessões solenes para integrar como Membros Honorários João Carlos Paixão Côrtes, Luis Carlos Barbosa Lessa (estes remanescentes da 1ª fase), Hélio Moro Mariante, Antonio Augusto Fagundes, Ilka D'Almeida Santos Herrmann.

Com objetivo de ampliar os recursos humanos ligados ao estudo da cultura popular, e vieram integrar o quadro de associados estudiosos do interior do estado, formando assim um grupo de membros colaboradores: Maria Eunice Kautzman de Montenegro, Paulo Roberto Pedroso de Soledade, Osório Santana Figueiredo de São Gabriel, Lesia Cardoso de Santo Antonio da Patrulha, Célia Jachemet de Gravataí, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca de Passo Fundo e Julio Ricardo Quevedo dos Santos de Santa Maria. Ao longo de sua existência a Comissão Gaúcha de Folclore tem recebido em seu quadro inúmeros outros estudiosos, que chegam através dos Cursos ministrados pelos associados e demais convidados.

Ao atuar em consonância com o Movimento tradicionalista Gaúcho, a CGF tem estreita ligação com o mesmo, tendo inclusive entre seus fundadores da 1ª fase, alguns dos fundadores do 35 CTG, que foi criado um dia após a fundação da CGF. São entidades co-irmãs que possuem muitos objetivos em comum.

A Comissão Gaúcha de Folclore participa de Congressos, Seminários, Mesas redondas em todo país, publica obras de seus associados possuindo acervo de diversos títulos.

Foi instituída pela CGF a Comenda Dante de Laytano para homenagear estudiosos do Folclore/Culturas Populares que já possuem trabalhos publicados e a Medalha Lilian Argentina Braga Marques que é oferecida a pessoas que se destacam em alguma área da cultura (não necessariamente em Folclore).

Muito poderia ser dito sobre a Comissão Gaúcha de Folclore, mas o espaço disponível não comporta uma história de 70 anos.

# #EuApoioaMúsicaGaúcha

Quando falamos em folclore do sul, a lenda do Negrinho do Pastoreio é uma das primeiras ligações que fazemos. Conhecida em todo o Brasil, sua versão mais popular data de 1906 e tem autoria de João Simões Lopes Neto. A história inspirou Barbosa Lessa a compor uma das mais bonitas e famosas canções do cancioneiro gaúcho.

## Negrinho do Pastoreio

Negrinho do Pastoreio  
Acendo esta vela pra ti  
E peço que me devolvas  
A querência que eu perdi  
Negrinho do pastoreio  
Traze a mim o meu rincão

Eu te acendo esta velinha  
Nela está meu coração

Quero ver meu lindo pago  
Coloreado de pitanga  
Quero ver a gauchinha  
A brincar n'água da sanga

Quero trotar pelas coxilhas  
Respirando a liberdade  
Que eu perdi naquele dia  
Que me embreitei na cidade

Negrinho do pastoreio  
Acendo esta vela pra ti  
E peço que me devolvas  
A querência que eu perdi

Negrinho do pastoreio  
Traze a mim o meu rincão  
A velinha está queimando  
Aquecendo a tradição

